



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de posse da Diretoria e do Conselho Fiscal da Confederação Nacional da Indústria - 2002-2006.*

SEDE DA CNI, BRASÍLIA, DF, 15 DE OUTUBRO DE 2002

*Senhor Vice-Presidente da República, Senador Marco Maciel; Senhor Presidente do Supremo Tribunal, Ministro Marco Aurélio de Mello; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhor Fernando Bezerra, Presidente da nossa CNI, que passa, agora, ao Doutor Armando Monteiro; Senhores Parlamentares; Embaixadores; Senhoras, Senhores; Meus amigos todos,*

O Doutor Antônio Ermírio disse que eu olhava para ele a todo instante. E lembrou Pitágoras, numa citação que é imortal. Fiquei com vontade de não sair do meu lugar. Não estava olhando para ele a todo instante, gosto de ouvi-lo.

Mas não quero cansá-los. Quero apenas dizer umas poucas palavras. Primeiro, pessoais, de amizade. Aqui está, perante mim, Albano Franco, que foi Presidente desta Casa, trabalhou conosco na Constituinte, trouxe-me a esta Casa. E, desde então, vim muitas vezes aqui, por várias mãos. Pelas mãos do Carlos Eduardo, quantas vezes. Pelas mãos do Fernando Bezerra, também. Foi meu Ministro, somos amigos, é Senador, foi meu colega. Da mesma maneira, Carlos Eduardo, nosso Deputado, companheiro. Agora, com Armando Monteiro.

Eu cochichava com Marco Maciel: quando ando pelo Brasil, mesmo sem fazer política eleitoral - é meu jeito -, busco sempre ver que relação eu possa ter mais pessoal com as regiões por onde passo. Às vezes, até me chamam a atenção, porque parece que tenho parentes por toda parte no Brasil. Tenho mesmo. Tenho origem muito variada, muito enraizada no Brasil. E não sei nem se o Armando sabe, mas a avó dele e o avô dele, Dona Antonieta e Agamenon, foram afilhados do meu avô. Então, também aí temos um ponto de encontro. Sua mãe sabe disso e aqui está, para a nossa satisfação, e seu pai também. Então, me sinto muito tocado de vir aqui, neste dia, para, na verdade, assistir à transmissão de direção entre pessoas que são próximas a mim e que sucedem outros tantos que também são próximos a mim. Mas isso não é por serem próximos a mim, é porque estão seguindo a trajetória que o Armando aqui delineou, com tanta clareza, de que os líderes deste país têm que estar representando a sociedade, ativando a sociedade e em contato com os vários setores da sociedade. Tal seria mesmo que não fossem próximos do Presidente da República.

E posso dizer também que, quando me encontro com líderes sindicais, freqüentemente faço a mesma referência, referindo-me a momentos em que convivemos em certos períodos da nossa história, até hoje. Não é o caso de recordar agora, porque acho que uma sociedade democrática, plural, como é a brasileira, é assim. É uma sociedade de convivência. É uma sociedade na qual nós expomos nossos pontos de vista, buscamos convergência e não tememos também as diferenças, porque a diferença faz parte da sociedade democrática.

De alguma maneira, hoje, assistimos aqui a vários discursos que reafirmam a mesma coisa. E o principal a ser reafirmado foi dito com todas as letras pelo grande líder que é o Antônio Ermírio. O que ele disse? Que precisamos ter confiança no Brasil, confiança em nós mesmos, portanto, e auto-estima. Precisamos acreditar que estamos construindo um grande país. E escutamos as palavras dos que depois foram aqui oradores, do Fernando Bezerra e do Armando Monteiro, mostrando qual é o caminho que já está sendo percorrido por este país.

Às vezes, quando ouço referência a que precisamos ter um projeto nacional, fico pensando: será que estão pensando ainda no projeto que vinha só da elite, só dos intelectuais, só do Governo? Não. Projeto nacional, em uma sociedade democrática, é uma construção de todos. Esse projeto requer, em primeiro lugar, crença na nossa convivência, crença no País, e esse projeto já está em marcha. Este país se transformou profundamente. Não foi em oito anos, não, há muito tempo vem se transformando.

Hoje - e aqui foi dito -, somos um país que tem uma base industrial portentosa. Essa base industrial nunca foi sucateada, nunca. Não foi pelo meu Governo, nem pelos anteriores. Um ou outro tentou, mas não conseguiu. Essa base industrial se expandiu, se modernizou, e hoje nós temos o que foi dito aqui: competitividade, e não temos medo de mercados. Gostei de ouvir as palavras do Armando Monteiro.

Negociaremos, sim, na Alca, defendendo os nossos interesses. Eu disse, em Quebec, diante de todos os Presidentes - e falei em nome deles -, que ou a Alca era um empreendimento compartilhado, em que os interesses de todos estivessem contemplados e em que não houvesse a possibilidade de alguém vetar, ou não haveria a Alca. E disse isso sob o aplauso de todos, a começar sob o aplauso do Presidente dos Estados Unidos, porque ele sabe que é assim que vamos proceder. Eu procedo assim e quem me suceder, seja quem for, vai proceder assim, porque o Brasil é um país que tem auto-estima, sabe quais são os seus interesses e sabe defender os seus interesses, sem retóricas, mas com firmeza.

Vamos, sim, continuar por esse caminho. E não é só com a Alca, não, com a União Européia também. E vamos discutir na OMC, como fazemos hoje. Até já reclamam que estamos levando pleitos demais para a OMC. Antes, não levávamos nenhum pleito. Agora, vamos lá e brigamos pelo que nós achamos que são os nossos interesses. Temos que aceitar a decisão arbitral. E vamos continuar levando adiante o nosso projeto de Mercosul, que é fundamental. Repito o Chanceler Celso Lafer: "Mercosul é destino. Alca ou União Européia é escolha". Mercosul é destino. Nós estamos juntos, geograficamente. Temos uma história juntos. Vamos continuar nessa história. Vez por outra, um dos países do

Mercosul tem problemas; nós, também. Isso não é razão para que não acreditemos na necessidade de uma permanente busca de integração entre os países que conformam o Mercosul, a América do Sul, a América Latina. Uma integração não para o isolacionismo - concordo, outra vez, com Armando Monteiro, que não cabe no mundo de hoje -, mas para buscar força para uma negociação ativa que nos permita uma participação ampliada no comércio internacional.

Temos capacidade produtiva. Temos capacidade de aumentar crescentemente a nossa produtividade e estamos fazendo esse aumento de produtividade. Precisamos, talvez, afirmar com mais energia o que fazemos e não simplesmente chorar pelo que ainda não fizemos. Falta tanto! Sempre falta. Mas já fizemos muita coisa. Ouvei, há pouco - e tem razão Armando Monteiro, mais uma vez - os dados mais recentes de que, na década de 80, o crescimento foi de menos de 2% e houve ziguezague, subiu e desceu. Do Plano Real para cá, foi de 3%, quase 3%. Não chegou a 3%, para sermos precisos. Ou seja, foi maior do que o per capita.

Nós, do Brasil, nos esquecemos de acumular as coisas. Quando se vê no longo prazo o crescimento de um país... E o Brasil está entre os que mais cresceram no último século. Há um estudo de um americano chamado Madison, que faz uma comparação: até 1980, só o Japão terá crescido mais que o Brasil, acumulando. Quando se acumula o crescimento do Real para cá, foi mais de 30%. Se conseguirmos manter uma taxa de 3%, não é suficiente, mas é mais do que o crescimento da população e, acumulado, vai crescendo. Se chegarmos a 4%, a 5%, meu Deus, acumulado? O que não podemos é ter o ziguezague, porque cresce 4% em um ano e perde 3% no outro, como vários países têm. Aí, quando acumula, não dá o resultado. Nós sempre nos esquecemos desses detalhes, mas crescemos 30% nos últimos nove anos. Não é tão pouco assim. Queríamos crescer o dobro, o triplo.

O que não podemos é, primeiro, não crescer. Segundo, não nos conformarmos com a taxa de crescimento que temos. Mas, terceiro, não deixar que o pessimismo nos impeça de ver o que já está acontecendo neste país. E o que está acontecendo é a continuidade de uma transformação imensa da nossa economia. Na agricultura - e eu gostei de ver o

Antônio Ermírio como líder agrícola, hoje aqui; gostei de ver o Antônio Ermírio dizer que é preciso prestar atenção ao crescimento da agricultura - sabem de quanto foi o crescimento da agricultura do Brasil no primeiro semestre deste ano? Foi de 8%. Nos tempos em que o peso da agricultura era maior no nosso PIB, era mais fácil crescer, porque agricultura responde logo. Hoje, a agricultura corresponde, mais ou menos, a 12% do PIB. Esse PIB também tem que ser revisto, o modo de calcular o PIB. Mas a agricultura corresponde a 12%. Então, como são 8%... Quando correspondiam a 50%, esses 8% teriam um impacto imenso no crescimento do Brasil. Mas eles não deixaram de ter. Apenas no modo de contabilizar dá menos. Mas cresceu 8% a agricultura, no primeiro semestre deste ano, que é ano de crise.

E as exportações? O que aconteceu nesses quatro anos? Nos primeiros dois anos, tivemos um déficit na balança comercial de, mais ou menos, 10, 12 bilhões. Nos outros dois anos, um superávit de 12 bilhões, que, nesse ano vai se aproximando de 10 bilhões de dólares. Ou seja, se saltam 20 bilhões de dois anos para dois anos. Isso é a força deste país.

E quanto às contas externas, as contas de pagamento, no balanço de pagamento, que nós chegamos a ter, em 99, 33 bilhões de dólares de déficit, neste ano já estamos lá para uns 14, 15, diminuimos pela metade. A famosa vulnerabilidade externa, nós estamos reagindo a ela, produzindo, exportando, num momento em que o mundo se contrai. Então, essa força que o Doutor Antônio Ermírio mostrou, aqui, é real do Brasil. E é do Brasil, não do Governo FHC ou do futuro Governo, que não dou iniciais porque não sei quais serão. Nós temos que ter orgulho disso e não deixar que a poeira do pessimismo impeça que nós vejamos o que está acontecendo aqui. Pode ser muito melhor, mas está acontecendo.

Eu tenho repetido um trabalho, um título de um livro de um amigo meu, Albert Hirschmann, que é um dos grandes economistas contemporâneos, economista político, nos Estados Unidos, em Princeton, que escreveu um trabalho sobre os obstáculos para ver o crescimento. Isso foi na década de 70. Ele se referia mais à Colômbia. Os que são mais antigos aqui, que lidavam já com problemas conceituais, nos anos 50, 60 e mesmo 70, hão de se lembrar que todos os seminári-

os nossos eram sobre os obstáculos ao crescimento. Nada vai permitir que cresça. E o Brasil estava crescendo. Na década de 70, eu briguei muito, porque disse: “Olha, o regime é militar, mas está crescendo a economia”. Diziam que eu estava com vontade de apoiar o regime militar - eu, no exílio. Simplesmente, eu via a realidade. Havia uma transformação. Pode ser boa ou pode ser ruim, pode beneficiar a uns ou a outros, essa é outra questão, vamos discutir a quem beneficia, mas havia uma transformação.

Pois bem, Hirschmann mostrava que nós, na América Latina - ele generalizou -, tínhamos obstáculos para ver o desenvolvimento, poeira nos nossos olhos. Será que não estamos de novo com poeira nos nossos olhos? Não quero dizer que as coisas sejam cor-de-rosa: as dificuldades são muitas, a crise está aí. E a crise externa é grave e não se sabe para que lado vai. Vamos ter que nos preparar. Mas nessa economia, já disse aqui o Fernando Bezerra, nós suportamos cinco crises financeiras, em oito anos. E, não obstante, os resultados não são os que queríamos, mas estão aí.

Será que não estamos deixando de ver que a educação mudou muito? Eu assisti aqui - nós estávamos juntos - ao que é a educação profissional no Brasil de hoje, graças a muitas coisas, inclusive ao Senai. O que houve? Trinta e três milhões de pessoas formadas no Senai, no Brasil. Desses 33 milhões, mais da metade nos últimos oito anos. Será que isso não é melhoria da qualidade da nossa mão-de-obra, capacitação para que o emprego possa existir, para que o salário possa ser maior, para que a produtividade possa aumentar?

Temos, sim, muitos excluídos no Brasil. Isso é uma nódoa. No passado, Joaquim Nabuco lutava contra a nódoa da escravidão. A nossa nódoa era o analfabetismo e estamos acabando com ele. Quanto a esse, posso dizer com tranquilidade que fizemos políticas educacionais que garantem dizer que o analfabetismo é moribundo no Brasil, porque temos quase todas as crianças nas escolas e estamos lutando também pelos que não tiveram acesso à escola. Mas, sobretudo, com todas as crianças na escola, faz-se a projeção no tempo: acabou o analfabetismo. É a primeira forma de inclusão, porque quem vai para a escola começa

a estar incluído na sociedade. Estamos lutando contra a exclusão social, por consequência.

Será que estamos vendo que está acontecendo uma mudança nessa sociedade e nessa velocidade com os programas do trabalho voluntário, o trabalho do Comunidade Solidária, o trabalho do qual muitos dos senhores e das senhoras participam ativamente? A parceria entre o Governo e a sociedade, os sindicatos, que lutam para profissionalizar as pessoas, o dinheiro do FAT, que vai também para os sindicatos, para que eles possam treinar os trabalhadores? Será que não se percebe que isso tudo é a criação de uma nova sociedade, é um projeto nacional de uma sociedade melhor, mais igualitária? Ou será que vamos outra vez precisar, como fiz há pouco, de recordar Albert Hirschmann, para dizer: “Olhem, há obstáculos, mas também tem desenvolvimento. Não deixem de ver o que está acontecendo.”

Hoje, li um resumo de um relatório do Banco Mundial. O que diz o relatório do Banco Mundial? Que o Brasil mudou, na área social, numa velocidade rara no mundo. Saiu hoje o relatório - eu pelo menos o recebi hoje. Vejo o dia inteiro dizerem que não está havendo avanço social no Brasil. Hoje, se me permitem a imodéstia, eu ganhei um prêmio - eu não sabia, fui comunicado pelo Ministro Paulo Renato - das Nações Unidas. Tem o nome do homem que inventou o IDH, que é o Índice de Desenvolvimento Humano, o índice para medir como é que os países avançam no desenvolvimento humano. O presidente do júri era o Joseph Stiglitz, que é o grande crítico da globalização do Fundo Monetário Internacional, e me deu o prêmio. Por quê? Por mim? Pelo Brasil. Porque os índices sociais do Brasil cresceram mais depressa que todos os índices do mundo, nesses últimos anos.

E continuarão a dizer que não estamos fazendo nada para mudar a situação social do Brasil? Precisamos fazer mais, precisamos crescer mais, precisamos investir mais, educar mais, aumentar a produtividade, mas nós estamos num projeto nacional de crescimento, estamos num projeto nacional de integração do País, que não é só o crescimento - ao contrário, é mais que o crescimento.

Esse projeto que eu ouvi, pela boca dos senhores, eu diria que é consensual. Na briga política, uns vão dizer uma coisa, outros vão dizer outra. Mas eu diria que ele é consensual. Quer dizer, há um sentimento no Brasil todo de que é preciso seguir nessa direção de uma sociedade mais coesa, de uma sociedade mais igualitária, de uma sociedade mais educada, que acabe com a exclusão. E também é consensual e, mais que consensual, aí, sim, já é até reconhecimento que nós estamos fazendo essas transformações dentro da democracia.

As instituições estão cada vez mais fortes. Estão tão fortes que fico irritado quando ouço, aqui e ali, dizerem: “Ah, mas se ganhar fulano ou beltrano...” Se ganhar fulano ou beltrano, não vai acontecer é nada. Vai continuar o caminho, que é nosso, da sociedade brasileira: um projeto nacional de continuação do crescimento do Brasil, dentro da democracia. Qualquer um de nós que ganhe, um ou outro. É natural.

Mas queremos, mais que tudo, que ganhe o Brasil. E o Brasil só ganha quando o Brasil tem auto-estima, quando o Brasil começa a deixar de simplesmente, todo dia, reclamar do que falta. Continua reclamando um pouquinho, senão não avança, mas reconhecendo que estamos caminhando, reconhecendo que este aqui realmente é um grande país e que, por isso, ele não precisa ter medo de conversar com os outros países. E não pode ser se arrogando, porque, embora seja um grande país, é um país cheio de problemas também, como sabemos, de dificuldades, de pobreza, e que não nos cabe a arrogância, não nos cabe senão a colaboração, a solidariedade, a parceria.

Já falei demais... Antônio, desculpe. Mas acho que os discursos que ouvimos aqui foram importantes, porque eles são a expressão clara de que este é um país maduro, que tem uma agenda. Essa agenda, nós vamos discutir depois quem pôde operá-la melhor ou dar um pouco mais de ênfase para cá ou um pouco mais de ênfase para lá, equilibrar mais aqui ou mais ali. Mas, hoje, temos as bases para um país que realmente é capaz de, sabendo o que vale, continuar avançando sem arrogância.

Certamente - como terminou dizendo o Senador Fernando Bezerra - eu também desejo que, não diria nem o próximo, mas os próximos

governos possam nos fazer ficar mais perto dos nossos sonhos, porque o sonho é de todos nós. É meu também. Tenho trabalhado no que posso para que esse sonho se aproxime da realidade. Precisa-se de muitas mãos, muitos anos, muita solidariedade de todos nós para que realmente, algum dia, o sonho vire realidade completa. Mas vai virar.

Muito obrigado.